

A OBRA LITERÁRIA NA DIMENSÃO DO TRABALHO INTERDISCIPLINAR

SANTOS, José Randson Silva

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Gisela Maria de Lima Braga Penha
Discente do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, na UFAC

RESUMO

A leitura de obras literárias na escola possibilita o aprimoramento das habilidades leitoras e favorece a ampliação dos conhecimentos nas mais diversas áreas disciplinares por conter em seu eixo, a força dos saberes. Além de agraciar os aspectos linguísticos e artísticos, que por vezes, são destacados no ensino de língua e literatura, ela também costuma adentrar no mundo da matemática, da ciência, da história, da geografia, entre outros campos, de tal maneira, compondo o universo da personagem de ficção. Nesse sentido, a literatura abre caminhos para a interdisciplinaridade, permitindo que cada professor explore os aspectos inerentes à sua área de atuação e contribua com uma atividade promotora do diálogo com as outras disciplinas, explorando o mesmo texto literário. A ideia aqui desenvolvida tem o objetivo de mostrar o fenômeno e a dimensão dos saberes que estão contidos na obra literária e a possibilidade de elaborar um trabalho que envolva as diversas disciplinas em um projeto de leitura, desvencilhando-se da falta de conhecimento de que a obra literária é produto exclusivo ou somente favorece ao ensino de Língua Portuguesa. Para compor o campo teórico, recorre-se à teoria da Estética da Recepção com enfoque aos planos estéticos de Hans Robert Jauss e as forças da literatura de Roland Barthes, autor que trabalha os conceitos sobre as forças da literatura. Para discutir a desenvoltura do sentido e importância da leitura no âmbito escolar, pessoal e social, serão trabalhadas as teorias de Guedes, Antunes e Lajolo; no âmbito da leitura da obra literária, se fará uso das teorias de Cosson e Bloom. A proposta interdisciplinar é destinada à turma de oitavo ou nono ano e, parte da leitura da obra Robinson Crusoe, de Daniel Defoe, por abranger diversos focos de saberes e por ser um texto que atrai com maior facilidade a atenção do público infanto-juvenil. Cada educador buscará explorar os eventos pertinentes à sua área de atuação e fará com que o educando observe tais fenômenos e busque construir seu saber e procure valorizar o

texto literário em sua formação. O que se espera dessa atividade é que se conceba a ideia entre os educadores, de que o texto literário oferece inúmeras possibilidades de ensino e que o grande beneficiado com tal procedimento será o aluno, razão de todo esforço escolar.

Palavras-chave: saberes; interdisciplinaridade; Estética da Recepção; leitura.

THE WORK IN THE LITERARY WORK INTERDISCIPLINARY DIMENSION

ABSTRACT

The reading of literary works in school enables the improvement of skills and readers favors the expansion of knowledge in diverse disciplines to contain on its axis, the power of knowledge. In addition to gracing the linguistic and artistic aspects, which sometimes are highlighted in teaching language and literature, she also usually enter the world of mathematics, science, history, geography, among other fields, in such a way, making the universe of fictional character. In this sense, literature opens avenues for interdisciplinary, allowing each teacher explore the circumstances relevant to their area of expertise and contribute to an activity that promotes dialogue with other disciplines, exploring the same literary text. The idea developed here aims to show the phenomenon and the extent of knowledge that are contained in the literary work and the possibility of a work involving the various disciplines in a reading project, disengaging from the lack of knowledge that literary work is unique product or only favors the teaching of Portuguese language. To compose the theoretical field, refers to the theory of Aesthetic Reception focusing the aesthetic plans of Hans Robert Jauss and the forces of Roland Barthes literature, author working concepts about the forces of literature. To discuss the resourcefulness of the meaning and importance of reading in schools, personal and social, will be worked theories Guedes, Antunes and Lajolo; as part of the literary reading, it will make use of the theories of Cosson and Bloom. The interdisciplinary approach is intended to eighth or ninth grade class and part reading Robinson Crusoe work of Daniel Defoe, for cover various centers of knowledge and for being a text that

attracts more easily the attention of children and youth. Each educator will seek to explore the events relevant to your area of expertise and will make the student observe these phenomena and seek to build their knowledge and seek to value the literary text in its formation. What is expected of this activity is that it conceives the idea among educators that the literary text offers numerous educational possibilities and the great benefit from this procedure will be the student, so the whole school effort.

Keywords: knowledge; interdisciplinarity; Aesthetics of reception; reading.

INTRODUÇÃO

A obra literária envolve e perpassa todos os campos de conhecimento e saberes. Sua dimensão não se prende ao um método ou a uma característica específica e acabada. Ela percorre os mais diversos caminhos e se faz conhecer pela relação com o leitor. Embora sua dimensão não seja definida, não significa que seja incompreensível ou que não tenha valor na vida das pessoas.

Por ela ser carregada de saberes e por conter diversas forças e funções, é que ela se torna cada vez mais importante para a formação da humanidade. Mesmo a literatura apresentando toda riqueza estética, ainda continua um campo pouco conhecido ou ensinado no meio escolar. Isso significa na prática um déficit no aprendizado, na prática de leitura, na sensibilidade artística e, mais ainda, na maneira de ver e entender o mundo.

A literatura abre caminhos a todas as áreas disciplinares e possibilita um trabalho conjunto com os mais diversos campos de conhecimento por conter também em seu eixo, a força do saber e do diálogo com as novas maneiras de ver as coisas. Pensando nessa realidade, que o trabalho com o texto literário envolve uma dinâmica onde o conhecimento se une com o prazer e o sabor de conceber a verdade numa outra dimensão da leitura. Isso pode ser possível na escola quando os professores assumirem de fato de que a leitura da obra literária traz ao campo de ensino uma formação humana completa e significativa.

A LEITURA LITERÁRIA SOB O FOCODO SENTIDO

A dificuldade de entendimento ou interpretação de um texto literário e, por conseguinte, a falta do hábito de leitura, dificulta o trabalho de qualquer área disciplinar, pois

ler continua sendo uma modalidade que contribui com a capacidade de compreensão, raciocínio, criação, entre outras coisas. Além do mais, se não houver incentivo ou exemplo do corpo escolar, sobretudo, dos professores, que mostrando paixão e envolvimento com a leitura, dificilmente os educandos alcançarão a dimensão do texto literário ou compreenderão o sentido que ele tem ou pode desempenhar em seu meio.

A obra literária possibilita ao leitor, infinitas maneiras de ver as coisas e, até mesmo, a vida. Contudo, não é simplesmente pondo um livro nas mãos do educando que se alcançará o sucesso desejado, esperando, dessa forma, que ele desenvolva por si só, as habilidades leitoras que o gênero literário exige. É preciso considerar que a recepção do texto literário deve percorrer o campo do sentido, do prazer e do deleite. Embora sendo uma representação da realidade humana, a obra literária não deixa de ser um instrumento de conhecimento, de formação e de fruição de novos sentidos para viver e entender a vida.

A leitura abre caminhos para o novo e isso resulta em diversas possibilidades para o crescimento pessoal. Paulo Coimbra Guedes (2006, p. 64), diante dessa realidade, fala que o importante não é tanto o conteúdo do que se lê, mas as consequências de se lê. Frente a essa dimensão, o leitor, por meio da leitura, constrói mecanismos satisfatórios que lhes servirão de base para as futuras leituras e compreensão de mundo.

Trabalhar o texto literário explorando o campo do sentido das palavras é de certo modo, fazer com que o aluno adentre no profundo mundo dos significados da arte. Quando o educando encontra sentido e importância naquilo que lê, acaba assumindo em seu dia a dia uma postura autônoma e um olhar mais crítico às diversas situações que lhes são apresentadas. Marisa Lajolo (1991, p. 59) mostra que:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

Esta contribuição de Lajolo direciona o trabalho com a leitura para um caminho inteiramente voltado à profundidade do texto e à postura do leitor como agente crítico e construtor de seu próprio argumento frente ao que o outro diz. Outra autora que aborda a profundidade textual é Irandé Antunes. Esta, fala que “os sentidos do texto [...] resultam de uma confluência de elementos que estão, simultaneamente, dentro e fora dele”. (2009, p. 202). Nesse aspecto, convém ressaltar que não basta apenas explorar os aspectos sintáticos e morfossintáticos para alcançar os significados de um enunciado, é preciso ir mais além.

Tratando-se de literatura, essa ordem é muito mais exigente por considerar que é uma realidade humana bastante ampla e importante, já que o receptor concebe e atribui novos significados ao texto literário.

No processo de ensino aprendizagem, a postura em relação à leitura e literatura deve considerar algumas situações para que não ocorra um desvio do verdadeiro sentido da obra literária na escola. Rildo Cosson apresenta três eventos que o educador deve refletir diante da leitura da obra literária:

[...] reclama-se, particularmente, da artificialização do ato de ler transformado em exercício, ou seja, uma preparação para a verdadeira leitura que teria realização em um futuro fora da escola. Também denuncia a ênfase sobre os conteúdos e o deslocamento do centro das disciplinas na busca deles, como acontece com a história da literatura que substitui a leitura literária, fazendo da leitura uma cronologia de nomes de autores, títulos de obras e características de um estilo de época. Há ainda, as metodologias de exploração dos textos que ora os toma como pretexto, ora adota perspectivas pouco adequadas para a sua especificidade literária, como resumos, os questionários e as fichas de leitura (COSSON, 2004, p. 96).

Cosson, além de apontar para uma realidade frequentemente desenvolvida no meio escolar, denuncia a falta de coerência do trabalho com o texto literário e o total desvio do sentido do mesmo na vida dos educandos. Além disso, Cosson acaba citando os principais fatores que contribuem com a desconstrução do objetivo de fazer com que o educando encontre prazer no que lê e preserve o hábito de leitura. Dentre outras coisas, cabe à escola fazer com que essa realidade mude e faça acontecer, na realidade, um trabalho mais significativo e atuante. Para tanto, é necessário que a forma de se ler dá com o texto literário percorra o campo do sentido e favoreça meios e oportunidades para que cada um encontre, de fato, prazer diante da obra literária. Harold Bloom (2011, p. 17), destaca que “o prazer da leitura é pessoal, não social”, considerando, dessa forma, a leitura como um hábito pessoal, e não como prática educativa. Em vista disso, a imposição de uma obra ou de uma metodologia de trabalho, não deve, de forma alguma, impedir o processo em que o leitor desenvolva uma leitura onde sua própria liberdade de escolha ou afinidade seja preservada e respeitada, cabendo ao educador uma postura motivadora e comprometida com a formação do aluno.

RECEPÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO

O texto literário sempre foi explorado no ambiente escolar. Ora como pretexto para desenvolver atividades linguísticas, ora como “pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, - o Verdadeiro, o Bom e o Belo,

definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida” (CANDIDO, 1972, p. 83), ou ainda, como leitura descontraída sem apreciação dos aspectos estéticos. Diante dessa realidade, os educadores sempre tiveram dúvidas a respeito de como trabalhar o texto literário e qual é o papel ou valor da literatura no meio escolar e, mais ainda, na vida dos educandos fora da escola. Além disso, consta a questão de que maneira valorizar a recepção do leitor frente à obra.

As dúvidas sobre o ensino jamais serão sanadas, porém há olhares que tornam o trabalho e a recepção do texto literário mais significativo e atraente, por considerar a relação entre obra e leitor mais próxima. Tal ótica direciona-se à Estética da Recepção que firma-se no prazer e na identificação do leitor com o texto. Hans Robert Jauss apresenta três conceitos que contribuem com tal dimensão e torna a leitura mais significativa. Jauss (1979, p. 81) trabalha com os termos *Poiesis*, *Aisthesis* e *Katharsis*. Estas três atividades apresentam-se de forma simultânea e complementar. Elas “não se subordinam umas às outras, mas podem estabelecer relações de sequência”.

No plano da *poiesis*, sob a concepção aristotélica, Jauss (1979, p. 79) diz que o leitor perante a obra literária, sente-se coautor. Nesse sentido, cabendo-lhe o papel de completar e dá novos significados ao texto, além da admiração profunda. No plano da *Aisthesis*, o leitor situa-se na percepção e compreensão pelos sentidos onde o foco acaba recaindo sobre o prazer de se reconhecer na obra e de se identificar. O leitor toma parte das sensações vividas pela personagem de ficção. Sob o termo da *Katharsis*, Jauss (1979, p. 80-1) diz que é:

Aquele prazer dos afetos provocados pelo discurso ou pela poesia, capaz de conduzir o ouvinte e o expectador tanto à transformação de suas convicções, quanto à liberação de sua psique. [...] *Katharsis* corresponde tanto à tarefa prática das artes como função social – i. e., servir de mediadora, inauguradora e legitimadora de normas de ação -, quanto a determinação ideal de toda a arte autônoma: libertar o expectador dos interesses práticos e das implicações de seu cotidiano, a fim de levá-lo, através do prazer de si no prazer do outro, para a liberdade estética de sua capacidade de julgar.

Em outros termos, o leitor é motivado à ação no meio social. A *Katharsis* apresenta-se como uma função mobilizadora e faz com que o leitor seja motivado pelas sugestões sugeridas pela obra literária.

Outras três concepções que merecem ser destacadas no ensino literário e que são descritas por Roland Barthes como força da literatura e, que também, são apresentadas em termos gregos, são os conceitos: *Mathesis*, *Mimesis* e *Semiosis*. Com tais termos, Barthes desenvolve uma teoria pautada na liberdade dentro daquilo que é recheada de poder, a própria língua.

A *Mathesis* corresponde à força dos saberes que a literatura contém. Além do mais, “[...] a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso” (BARTHES, 2013, p. 21). Sob este aspecto, em uma determinada obra literária é possível encontrar os mais diversos conhecimentos, podendo adentrar no mundo da matemática, da geografia, da linguística, da psicologia, da história, entre outros campos.

Barthes (2013, p. 22-23) mostra que a *Mimesis* corresponde à força da representação que a obra literária contém. Em outros termos, a obra trabalha com uma realidade totalmente conotativa, mas tendo o real por objeto de desejo. Nesse aspecto, o leitor é convidado a percorrer a realidade literária e fazer uma ligação dos eventos contidos na obra com os eventos reais de sua própria vida, num processo de verossimilhança. Antonio Candido (2011, p. 55) aponta dizendo que a obra literária se realiza quando consegue convencer o leitor, por meio de suas personagens e enredo, de que todos os fatos podem ser verdade. Nesse ponto, na relação texto literário e leitor pode ocorrer também o processo de identificação.

Com a terminologia *Semiosis*, Barthes (2013, p. 29-30) mostra que ela se trata da força propriamente semiótica, que consiste em *jogar* com signos em vez de destruí-lo. Ao trabalhar com a palavra, o texto literário faz uso de um recurso que é capaz de carregar um mundo de significados composto de imagens, gestões, ritos, crenças, entre outras coisas, que poderão ganhar sentido por meio da recepção do leitor. O signo literário contém a plurissignificação e, não sendo o próprio objeto ou coisa, é verdadeiramente palavra.

Dentre os termos apresentados, a força *Mathesis*, merece maior destaque quando o assunto é a interdisciplinaridade do texto literário. Portanto, é necessário refletir sobre sua dimensão no ensino escolar, sem desprezar, é claro, os outros dois termos, os quais contribuirão com as atividades e a recepção da obra literária.

INTERDISCIPLINARIDADE DO TEXTO LITERÁRIO

Ao dizer que a literatura assume muito saberes, Barthes (2013, p. 18) apresenta uma leitura que consiste na possibilidade de favorecer um trabalho interdisciplinar tomando a obra literária como produto estético. Nesse sentido, os diversos campos de conhecimento ou disciplinares se veem envolvidos em uma dinâmica que faz acontecer, de fato, uma formação integrada tendo a leitura como base de qualquer estudo.

A obra literária é carregada de saberes, mas nem sempre essa realidade é apreciada pelos educadores. As razões que levam os professores a olharem o texto literário com desprestígio podem ser sustentadas por diversas situações que vão desde a má formação profissional até à falta do hábito de leitura. Dificilmente se efetuará um trabalho interdisciplinar se não houver entre os envolvidos: o gosto e o prazer de ler e, perante a dinâmica do trabalho em conjunto, o comprometimento com a causa da formação tendo em vista a formação do aluno.

Tomando como base o romance *Robinson Crusoe* de Daniel Defoe, é possível realizar um projeto de leitura que envolva todas as disciplinas tanto no ensino fundamental quanto no médio. Isso porque nessa obra há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico, matemático, religioso, linguístico, entre outros. Barthes (2013, p. 18-9), exaltando a literatura, revela que “[...] todas as ciências estão presentes no monumento literário”.

O trabalho interdisciplinar não consiste apenas em reservar um horário em cada disciplina para efetivar a leitura de uma determinada obra. Ele exige planejamento onde os papéis devem ser assumidos com gosto e comprometimento e, também contenha objetivos claros que condigam com o ensino significativo da literatura.

Na obra de Defoe, Robinson Crusoe, em diversos momentos, faz uso do saber matemático e geográfico para desenvolver algumas atividades importantes durante sua permanência na ilha. Na passagem em que conta sobre a construção de sua moradia (seu forte), o personagem descreve matematicamente todos os detalhes da cena:

Antes de erguer a tenda, a partir dessa tracei uma semicircunferência, fronteira à depressão da encosta, que tinha perto de dez jardas de raio e vinte jardas de diâmetro, de ponta a ponta. [...] A extremidade superior, pontiaguda, ficava cinco pés e meio do solo (DEFOE, 2013, p. 61).

Diante de um trecho como esse, cabe ao professor de matemática ou de geografia, identificar com os alunos o conhecimento que o personagem usou para resolver determinado problema, e mais do que identificar, discutir como Robinson usou tal saber diante daquela situação desesperadora. Além disso, é importante refletir com os alunos, como cada um enfrentaria uma situação parecida ou diferente. Entre outros procedimentos, caberia até pesquisar sobre as medidas usadas no texto (jardas, pés...). Diante de uma situação como essa, seria também importante ouvir de cada estudante a opinião de como seria o destino do personagem, se ele não fizesse uso de tal saber matemático e geográfico.

A obra de Defoe possibilitaria diversas outras discussões, já que trata de forma bastante detalhada os eventos vividos por Crusoé. Sob a ótica da Sociologia, poderia ser trabalhada a relação entre Crusoé e Sexta Feira em uma perspectiva de colonizador e colonizado; no aspecto do Ensino Religioso, discutir sobre as concepções cristãs de Robinson e a crença indígena de Sexta Feira e outros povos ao redor da ilha; no plano da disciplina de Geografia, poderia ser trabalho os conhecimentos cartográficos e náuticos que Crusoé usou durante toda sua trajetória de aventuras.

No projeto de leitura onde ocorreria a interdisciplinaridade, cada professor juntamente com os alunos identificaria e discutiria os saberes inerentes a sua disciplina. O objetivo não é conceber os eventos não apenas com olhar científico, mas como conhecimento para a vida. Nesse ponto, o professor de matemática, por exemplo, estaria discutindo questões valiosas para a formação do educando, e se partiria da ideia de que o ensino da matemática não condiz apenas com a atividade de cálculos no quadro ou livro didático.

O leitor ao tomar uma obra como a de a *Viagem ao Centro da Terra*, de Júlio Verne, adentra em um mundo fantástico tanto sob a ótica do imaginário quanto a dos saberes. Nela o leitor percorre um caminho cheio de aventuras e que não deixa a desejar perante uma obra científica. A obra de Verne além de conduzir o leitor a uma aventura cheia de desafios e conhecimentos, cumpre com o papel de fornecer ao leitor uma carga significativa para o desenvolvimento de seu intelecto, imaginação, senso de criação, entre outras coisas. Como diversos outros textos literários, *Viagem ao Centro da Terra* contém diversos saberes que deveriam ser percebidos e valorizados pelos diversos professores no plano de ensino das disciplinas por eles aplicadas.

Há quem pense que é perda de tempo ler textos literários, já que não tem sentido denotativo. Embora a obra literária seja uma representação da realidade, não perde seu valor educativo e formativo, por tratar de uma construção estética que se completa com o leitor e que se soma ao ambiente escolar.

A recepção do texto literário na atividade interdisciplinar não deve desconsiderar as concepções estéticas que dão valor ao sentido da obra. O professor de toda e qualquer área de conhecimento deve considerar que o leitor completa a obra, que ele por meio da compreensão pelos sentidos, se reconhece perante ela e que diante do texto este mesmo leitor é motivado à uma ação no meio social. Além disso, o trabalho deve primar pelo encontro do prazer e do deleite, já que o texto literário aponta e possibilita essa dimensão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais que uma elaboração de um projeto específico, a leitura na dimensão dos saberes, deveria ser uma prática mais comum entre os professores. Isso refletiria uma integração do ensino e faria com que o educando compreendesse melhor o conjunto de conhecimentos que encontra na escola e que lhe serviria fora dela.

Todas as disciplinas têm um foco científico e também vê a leitura como base dos conhecimentos. Não é diferente com a Matemática a Física, a Química, entre outras. Embora cada uma trate de questões com sentido denotativo, isso não exclui o envolvimento com o texto conotativo. Assim como a Língua Portuguesa ver na literatura uma possibilidade de trabalhar a língua, o conhecimento, a formação, não deveria ser diferente quanto às outras áreas. O texto não é propriedade exclusiva do ensino da língua, mas nele pode acontecer o processo e o desenvolvimento dos saberes.

Difícilmente uma atividade interdisciplinar com o texto literário partirá de um professor que trate de física quântica ou química, não que isso seja impossível, mas cabe ao professor de Língua Portuguesa, a missão de tornar realidade em seu meio escolar essa prática. Isso porque pela sua formação e envolvimento direto com textos diversos, tem mais precisamente familiaridade com os gêneros literários.

Quando se aposta na interdisciplinaridade do trabalho com o texto literário, investe-se na formação de todo o corpo escolar e, o mais agraciado disso tudo é o aluno que percebe que os saberes estão contidos nos mais diversos textos, tanto de ordem denotativa quanto conotativa. Além do mais, a dimensão da obra literária se alarga cada vez mais com a apreciação dos diversos tipos de leitores e nos vários campos de conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino / outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BLOOM, Harold. *Como e Por Que Ler*. Trad. José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: objetiva, 2011.

CANDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem*. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/viewFile/3560/3007>>. Acesso em: 05 de mar. 2014.

CANDIDO, Antonio. A personagem do Romance. In: CANDIDO, Antonio. et al. *A personagem de ficção*. 12 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

COSSON, Rildo. PAULINO, Graça (org). *Leitura literária: a mediação escolar*. Belo Horizonte: Faculdades de Letras da UFMG, 2004.

DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. Trad. Flávio P. de F. e Costa Neves. São Paulo: Martin Claret, 2014.

GUEDES, Paulo Coimbra. *A formação do professor de português: que língua vamos ensinar?* São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

JAUSS, Hans Robert. O Prazer Estético e as Experiências Fundamentais da *Poiesis*, *Aisthesis* e *Katharsis*. In: LIMA, Luiz Costa (Coord. e Trad.). *A literatura e o leitor: Textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.p. 63-82.

LAJOLO, M. et al. *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 10. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.